

ARTIGO/DOSSIÊ

# ANDAR NA COMPANHIA DE MULHERES NEGRAS: A ESCRITA NA PARTILHA DE SABERES EM VIDAS A SE TECEREM

GABRIELA FLORINDO DOS SANTOS  
CLARISSA DE ARRUDA NICOLAIEWSKY  
INGRID DE FARIA GOMES

## **Gabriela Florindo dos Santos**

Graduanda em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Bolsista do projeto “Acolhimento às mães universitárias e suas crias: Direito à educação superior e à infância”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3308577062672730>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-5011-4481>.

E-mail: [gabrielaflorindosantos@gmail.com](mailto:gabrielaflorindosantos@gmail.com).

## **Clarissa de Arruda Nicolaiewsky**

Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – *campus* Duque de Caxias.

Coordenadora do Programa de Extensão PROMOVIDE – Movimentos Sociais, Diferenças e Educação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense; Coordenadora do projeto Acolhimento às mães universitárias e suas crias: Direito à educação superior e à infância.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4464129997522677>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7710-843X>.

E-mail: [clarissanicolaiewsky@gmail.com](mailto:clarissanicolaiewsky@gmail.com).

**Ingrid de Faria Gomes**

Doutoranda em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Mestra em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Professora substituta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – *campus* Duque de Caxias.

Integrante do grupo de pesquisa “Diversias – Educação, Diversidade e Controvérsias”, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5347368276316977>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0005-6920>.

E-mail: [ingridfgomes@gmail.com](mailto:ingridfgomes@gmail.com).

**Resumo:** O presente artigo parte da aposta na partilha das histórias de mulheres negras de uma família como tática de resistência e luta contra a tendência colonizadora do meio acadêmico e de espaços educativos. Apoiada no conceito de escrevivência, entende-se ser possível – e desejável – produzir conhecimento científico de forma entrelaçada com experiências pessoais. Em uma escrita em primeira pessoa do singular produzida em gêneros variados e encharcada de vida e afeto, pretende-se deixar ver as desigualdades vividas pelas mulheres pretas, seus saberes partilhados e a potência de seus passos na busca pelo bem viver. Afirma-se a escrita como lugar de insubordinação e de cura e a leitura de autoras negras como importante dispositivo potencializador de subjetividades. Desaprender a ouvir as narrativas dominantes que produzem invisibilização e esquecimento das diferentes formas de ser e estar no mundo se mostra como um caminho educativo promissor.

**Palavras-chave:** Mulher preta. Representatividade. Escrevivência. Educação descolonizadora. Amor como ação. Trajetória formativa. Produção de conhecimento. Ancestralidade.

**Abstract:** This article is based on sharing the stories of black women from a family as a means of resistance and struggle against the colonizing tendency of academia

and educational spaces. Supported by Evaristo's concept of *escrevivência*, it is understood – and desirable – to produce scientific knowledge in a way intertwined with personal experiences. In a full of life and affection writing using first person pronoun produced in varied genres, the aim is to reveal their qualities experienced by black women their shared knowledge the mighty steps in search of a life well lived. Writing is assured as a place of insubordination and healing and black authors' literature as an important device that enhances subjectivities. Un learning to listen to dominant narratives that produce invisibilization and forgetfulness of different ways of relating the world appears to be a promising educational path.

**Keywords:** Black woman. Representativeness. *Escrevivência*. Decolonial education. Love as an action. Education al trajectory. Knowledge production. Ancestry.

## PARA ABRIR OS CAMINHOS

*“É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?”*  
(EVARISTO, 2007, p. 16)

Quero começar este texto afirmando a aposta em escrever em primeira pessoa, por algumas razões. De começo porque nunca tive coragem, alguns processos me fizeram não ter. Segundo porque uma professora pesquisadora, em sua tese de doutorado, me deu a coragem necessária para isso. Entendo, com ela, que “cada escolha do que trazer para o texto traz em si um olhar, é entrelaçada por meus interesses, pelo que me toca e me move, pelo que me desloca. [...] Não estranhe, portanto, o pronome escolhido para narrar a pesquisa, a primeira pessoa do singular” (NICOLAIEWSKY, 2020).

É controverso perceber que o mesmo espaço que, em algum momento, impôs limites é também o que me encoraja a romper

com os mesmos. Em diálogo com a concepção foucaultiana de poder disciplinar, Walter Kohan (2003) argumenta que a escola, enquanto uma instituição social da modernidade, estabeleceu um modo normalizador de ser e de escrever a partir do exercício de práticas pedagógicas estratégicas aliado a uma série de dispositivos disciplinares com o objetivo de moldar os sujeitos de modo a torná-los dóceis e conformados (KOHAN, 2003). Portanto, não por acaso, este espaço me fez entender a literatura como um lugar distante. Com essa intencionalidade formadora, a escola me apresentou como figuras representativas da literatura pessoas que em nada se pareciam comigo, além de histórias contadas sob a perspectiva do colonizador. Mas é também esse lugar, forjado pelos resquícios da colonização, que de alguma forma contribuiu para que eu chegasse à Universidade, onde me deparo com um outro discurso. É em um curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, pedacinho periférico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que encontro Chimamanda Adichie (2009), conhecida por denunciar a escassez de representatividade negra na literatura, e nela avisto meu reflexo.

Escrevo poesias desde os onze anos, mas não me via como escritora. Gloria Anzaldúa (2000) bem já dizia ser difícil nos vermos como escritoras e acreditar que podemos. Não pensei que estaria algum dia nesse lugar até voltar à sala de aula, até precisar escrever sobre minhas memórias, histórias, até ser convidada a voltar a mim ao ser apresentada a escritoras e pensadoras como Conceição Evaristo que, em sua escrita, nos convoca a retornar: “Se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos

gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais” (EVARISTO, 2020, p. 30). E, assim, seguindo as trilhas de Conceição e também de bell, que em sua trajetória pelo movimento feminista vai se dando conta de que faz mais sentido escrever e produzir conhecimento científico a partir de suas experiências pessoais (HOOKS, 2020), me aventuro a pensar nas aprendizagens que se dão nos encontros com vozes e vidas femininas e no papel da escrita neste processo de reconhecimento de nossos saberes. Deste modo, este artigo objetiva deixar ver as desigualdades vividas pelas mulheres pretas, seus saberes partilhados e a potência de seus passos na busca pelo bem viver.

Em termos metodológicos, a processualidade dessa escrita alinha-se com o exercício de “escrevivência” (EVARISTO, 2020), entendendo, aqui, que a produção de conhecimento científico não está dissociada da vida e das subjetividades, marcadas por contradições sociais.

Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. [...] Escrevivência, antes de qualquer domínio [do mundo], é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. (EVARISTO, 2020, p. 35)

Assim, inspirada em Conceição (EVARISTO, 2020), produzir esta escrevivência implicou ressoar a oralidade de narrativas e vozes de sujeitos historicamente silenciados, sobretudo, das mulheres pretas. Com a autora, ganho uma “consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra” (EVARISTO,

2007, p. 21), como neta, filha e irmã de Celi, Marcia e Beatriz, mulheres pretas cujas vidas e saberes merecem e serão aqui partilhados.

Se antes a teoria, a escrita e a linguagem foram utilizadas como alguns dos artifícios que possibilitaram a dominação e o controle, agora – não por um processo simplório – estas transitam por lugares de luta e cura. Quando criança, eu tinha constantemente a preocupação de não incomodar e, por essa razão, não falava muito. Quando fui alfabetizada, encontrei na escrita uma forma de ouvir minha própria voz, então escrevia desde cartinhas pra a minha mãe até palavras feias sobre alguém que não gostava. À medida que cresci a escrita tornou-se também uma maneira de denúncia, de fazer falar o silêncio onde são postas as dores e as violências às quais somos submetidas. A partir deste lugar, pontuo que o processo de ensino é sobre nos dar liberdade e talvez instrumentos para construir aquilo que acreditamos, para concretizar aquilo que sabemos, assim como o processo de aprendizagem é sobre nos apropriarmos de nós mesmos:

Não é fácil dar nome a nossa dor, teorizar a partir desse lugar. Sou grata a muitas mulheres e homens que ousaram criar teorias a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mostrar novas jornadas teóricas. O trabalho delas é libertador. (HOOKS, 2013, p. 103)

É também acompanhada dos escritos de Luiz Rufino, que me coloco a pensar sobre os efeitos da colonização na escola, orientados por uma versão eurocêntrica de modernidade ocidental na qual a Europa:

[...] continuou avançando nas formas de terror, produzindo assassinatos que vão além do corpo físico e incutindo via catequização uma permanente captura dos mundos, das subjetividades e da

regulação do ser em suas dimensões sensíveis. Um dos métodos mais engenhosos desse sistema de dominação aniquilar o outro é pela produção de esquecimento. Empenhado nessa empreitada, investiu massivamente na destruição de comunidades, línguas, ritos, e maneiras de explicar e interagir com o mundo (RUFINO, 2021, p. 21-22).

Portanto, apesar de findado o processo de colonialismo europeu moderno do ponto de vista político e econômico, até hoje subsiste nas configurações de desigualdades da sociedade capitalista brasileira o legado dessa dominação-exploração, marcado por diferentes formas de violências, genocídios e escravização de povos pormenorizados como “outros”, os não-europeus, classificados socialmente como não plenamente humanos. Essa herança colonial classificatória foi fundada na ideia de “raça” e do racismo como forma de exercer poder de um grupo sobre o outro, e estrutura e organiza a sociedade, inclusive, no sentido epistêmico, no qual há uma pretensão universal da ciência moderna nortear de forma única, verdadeira e legítima a (re)produção de um conhecimento hegemônico no campo educacional.

É diante desse contexto, constituído pela lógica continuada do colonialismo nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva, que as estruturas da nossa sociedade colonial patentearam o saber de modo que estruturalmente “o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a ‘superioridade’ branca ocidental à ‘inferioridade’ negro-africana. A África é o continente ‘obscuro’, sem uma história própria (Hegel); por isso a razão é branca, enquanto a emoção é negra” (GONZALEZ, 2020a, p. 135). Importante pontuar que essa marca do racismo, vinculada com a experiência colonial, deixa traços muito significativos do ponto de vista das formas de conhecimento

e das subjetividades. Não são simplesmente uma herança do passado e por isso, a colonialidade é uma relação com o presente. Nesse sentido, o conhecimento é tido como proveniente da Europa ocidental branca e assim sendo estes seriam os “portadores do saber”, os responsáveis por transmiti-lo e por determinar o que seria considerado um “bom saber”, um saber “adequado”, dessa forma promovendo a criação de grandes caixas de concreto, onde somos separados, moldados e preparados para receber Saber, até sermos capazes de reproduzi-lo. Isso quando somos vistos como capazes de aprender, pois frequentemente crianças das periferias e suas famílias são desqualificadas a partir da ideia de que lhes “falta algo” (ESTEBAN, 2016). Como professora pesquisadora em formação, a construção de um olhar sensível para o vivido:

Assegura a força e relevância dessa experiência, constituída como resposta potente dos que histórica e socialmente são postos no lugar da impossibilidade. Ao chegarem à escola – descabelados, atrasados, pelas mãos de uma criança apenas um pouquinho maior, sob os cuidados de uma mãe que não pode estar em casa, mas que se faz presente com seu trabalho, indispensável para garantir a sobrevivência da família –, não só denunciam os absurdos de uma sociedade excludente como a nossa, como também marcam o reconhecimento de seus direitos e sua força para lutar pela conquista do que lhes é negado. (ESTEBAN, 2016, p. 65)

Ultimamente tenho caminhado fora das caixas de concreto, por lugares que hora são feitos de árvores e muitas formigas, hora são feitos também de concreto, às vezes em formato de caixas também, mas há algo diferente. Não tem cadeiras, quando queremos sentamos no chão macio, não tem horários – como quando sinto fome, rio

quando dá vontade – e o que mais me encanta: o saber circula livre pelo ar, consigo ouvi-lo em cada passo que se dá, seja pessoa adulta, seja criança. Todo mundo fala em primeira pessoa, todo mundo diz alguma coisa, todo mundo é importante e o grande cânone desses lugares são sempre as avós. As avós que ensinaram como ajudar o pintinho a nascer, ou que dizem que é bom jogar casca de legume na terra porque aí o cheiro verde cresce mais rápido. As avós que cantam de manhã e curam resfriados com café e manteiga, aqui elas são as referências, aqui são as heroínas.

Minha avó, que também foi um pouco minha mãe, minha mãe preta, me ensinou a descobrir como quero ser e estar no mundo, como cuidar da terra, como cuidar de mim, como cuidar dos meus. É sempre no encontro que aprendemos, já que:

Somos seres de experiência. Tudo o que se passa na vida nos atravessa, nos altera e faz com que cada um de nós seja único, mas habitado por muitos – e nessa multidão singular tecemos uma rede infinita de aprendizagens. A encantaria da educação é parir seres que não cessam de renascer ao longo de suas jornadas. Parida e parteira de si e de muitos outros, a educação remete a processos sempre coletivos, afetivos, conflituosos, despedaçamentos e remontagens do ser. (RUFINO, 2021, p. 17)

Assim como Maya Angelou (2010) aprendeu com sua avó sobre o respeito ao próximo, eu também com a minha aprendi. Há tanto dos saberes dessa mulher em mim, naquilo que eu falo, naquilo que eu escrevo, nas cores e formas que eu gosto. Tanto dela ainda está no mundo, mesmo depois que ela se foi... Quando paro pra pensar nela, penso também em tantas outras mulheres parecidas com ela, algumas com trajetórias como a dela, outras com vivências extremamente

diferentes, e em como todas têm aspectos em comum. Infelizmente muitas delas não são lembradas, ou vistas ou (re)conhecidas. Com Luiz Rufino, busco outros caminhos educativos e

me pego a desaprender de tanta coisa como mero ato de rebeldia e inconformidade. Faço isso simplesmente para contestar o monopólio discursivo e o cerceamento da experiência em determinadas ditas aprendizagens. [...] desaprender é um ato político e poético diante daquilo que se veste como único saber possível ou como saber maior em relação a outros modos. (RUFINO, 2021, p. 19)

O autor, ao tratar das relações entre educação e descolonização, aposta no desaprender do cânone como uma ação de resistência à política que teima em fazer esquecer a diversidade de formas de viver (RUFINO, 2021). Entendo, então, que desaprender cânones seria pensar nos motivos pelos quais somos apresentadas ao longo de nossa trajetória a tantos nomes e narrativas que não conversam com a gente e ouvimos sobre eles a vida inteira, ao passo que existiram e existem pessoas que dialogam conosco e nós passamos a vida sem encontrá-las, o que leva-me a questionar: Quais são os espaços destinados aos nossos corpos? Às nossas narrativas? À nossa escrita?

Recordo-me que, em visita ao Brasil, Ângela Davis<sup>1</sup> pontuou: “E por aqui no Brasil vocês precisam buscar essa referência nos Estados Unidos? Acho que aprendi mais com Lélia Gonzalez do que vocês aprenderão comigo”. Apesar disso, a produção intelectual de Lélia, assim como a maioria de nós, mulheres pretas, custou a ser publicada e difundida, e é claro também não está entre os cânones intérpretes do Brasil. Pensar

---

1 A fala proferida por Angela Davis foi realizada na ocasião do lançamento do seu livro, intitulado “A luta é uma liberdade constante”, ocorrida no auditório do Sesc Pinheiros, em São Paulo, em 19 de outubro de 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1xjgckTGE4s&ab\\_channel=TVBoitempo](https://www.youtube.com/watch?v=1xjgckTGE4s&ab_channel=TVBoitempo). Acesso em: 3 abr. 2024.

que Lélia Gonzalez fala tanto sobre minha avó, que provavelmente nunca ouviu seu nome, fala tanto sobre mim e eu só soube dela aos 22 anos e apenas na Universidade Pública é algo consideravelmente problemático. E ainda, é inaceitável perceber que ter tido acesso à sua obra na universidade pode ser considerado um privilégio, assim como mensurar o quanto de nós foi sutilmente silenciada, por exemplo, em minha insistência em não incomodar, é perturbador.

Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que freqüentamos ou não freqüentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia. (ANZALDÚA, 2000, p. 229)

Quando Conceição Evaristo (2023) diz que não se espera que a mulher preta escreva e esteja em espaços de literatura, reflito sobre o quanto do que nós escrevemos foi apagado ou invisibilizado, sobre como a nossa oralidade foi posta num lugar de inferioridade ao passo que existe tanto de tantas de nós neste país, na língua, por exemplo, como Lélia evoca a ideia de pretuguês, “que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil” (GONZALEZ, 2020a, p. 128) e ainda assim, não nos esperam em espaços de produção de conhecimento científico. É urgente, portanto, a militância de Giovana Xavier (2021) – e de tantas outras – pela narrativa em primeira pessoa para que ocupemos mais e mais lugares e nos percebamos como intelectuais negras que podem produzir uma ciência que parta do que vivemos cotidianamente.

No contexto brasileiro, no qual as mulheres negras ocupam a base da pirâmide social, evidencia-se que as relações sociais

são atravessadas pelo racismo estrutural e reproduzem a subalternidade de determinados grupos que são identificados racialmente (ALMEIDA, 2021). Por isso importa se fazer ouvir e denunciar o projeto de sociedade que, com base na distribuição socioespacial, inviabiliza o acesso de famílias periféricas ao direito aos equipamentos culturais, ao lazer, à cidade e, em última instância, ao direito a sonhar (TEIXEIRA; FERREIRA, 2023).

Penso que a estratégia de produção do epistemicídio faz parte também de um histórico de opressão, que gera o apagamento de outros referenciais e de outras cosmologias. Percebo que existem maneiras outras de entendimento sobre o mundo, formas outras de produção de conhecimento que não são consideradas pertencentes ao campo do saber, tampouco referência do mesmo. Penso na pluralidade de lógicas sociais, de teorias que foram e são subjugadas em prol de uma *tentativa* de hegemonizar o pensamento segundo o modelo eurocêntrico. Nesta perspectiva, o epistemicídio funciona como um dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnico-racial, já que conforma um pensamento hegemônico que segue validando uma ideia de desvalorização de certos grupos, que são ignorados como sujeitos de conhecimento já que a hierarquização dos seus saberes é orientada pela classificação racial (CARNEIRO, 2023). Contudo, na aposta pela afirmação de uma ciência que seja capaz de coexistir com saberes variados e, assim, distanciada da racionalidade da modernidade, destaco a palavra “tentativa” porque existe Lélia, existe Conceição, existe Sueli, existe Celi. E existe no verbo presente daquilo que é, e que será.

Um professor de quem gosto muito um dia me ensinou sobre encantaria, algo que provém de um saber ancestral por uma lógica que a maioria de nós, não por acaso, desconhece (RUFINO, 2021). Uma

escritora na qual encontrei abrigo me instiga a pensar sobre como transgredi e por quais vielas quero seguir (HOOKS, 2013). Um poeta de rua em uma pesquisa de doutorado, escrita por outra poeta, disse que precisamos conhecer nossa raiz para que possamos florescer (OLIVEIRA, 2024). Ainda não tenho uma resposta concreta, nem sei se um dia terei, mas começo dizendo: Quero falar das minhas, pela urgência que me atravessa em registrar suas jornadas e maneiras de existência. Urgência em trazer à tona a memória daquelas que vieram antes de mim abrindo caminho entre o chumbo e o lixo, entre os livros. Urgência em fazer falar vozes silenciadas, histórias não contadas e conhecimentos invisibilizados. Urgência em libertar em forma de escrita um corpo que desde pequeno foi ensinado a conter. Quero transbordar tudo que tenho daquelas que em amor por mim – em amor por nós – me inspiram a, para além de resistir, existir em todas as minhas formas e contradições.

Por isso, talvez, aqui a teoria se misture à poesia e a poesia à memória e a memória à dor e a dor à sutileza de andares de luta e amor.

Trago suas histórias a partir do que me marca. Ao trazê-las, trago também a mim e, porque sou múltipla, diversas serão as formas de tornar estas mulheres presentes na minha escrita. E como a proposta é poetizar a vida, convidarei para a conversa a artista plástica Leoa que, ao nos fazer reviver cenas familiares do subúrbio carioca, evidencia a beleza do que vivemos cotidianamente na pele.

## CELI

*“Intuições  
São suas ancestrais  
soprando em seus ouvidos  
segredos de sobrevivência”  
(LEÃO, 2019, p. 102)*

Figura 1 – Obra intitulada *Quando chego às 11 horas*, de Leoa



Fonte: Perfil público da artista no *Instagram*<sup>2</sup>.

Em minha trajetória formativa, conheço a artista visual Leoa, que me inseriu em um estado de encantamento, pois em suas obras Leoa apropriou-se de imagens do cotidiano de pessoas comuns, das regiões periféricas do Rio de Janeiro, e as mostra por uma perspectiva que se situa em um movimento contrário ao da maior parte das narrativas midiáticas que se referem aos territórios e pessoas periféricas, no sentido de que nos retira do lugar daquilo que é invisibilizado e empobrecido e realoca no lugar do que também é arte, do que também é belo. Nesse sentido, para além de artístico, seu trabalho está no campo de disputa por construção de imaginários coletivos que nos vejamos em nossas subjetividades, potências e contradições. Entendo então como é interessante trazer para a roda diálogos que estabeleci com alguns dos trabalhos de Leoa, sendo a primeira obra que gostaria de citar intitulada *Quando chego às 11 horas*. No instante em que a vi, recordei de minha avó Celi. A cena que aparece na imagem é de um canto do primeiro ateliê de Leoa, duas paredes ainda no reboco, uma lateral e uma central em evidência. Na parede lateral em uma abertura parecida com janela aparece um vaso com uma espada de

2 Disponível em: <https://www.instagram.com/elaleoa/>.

São Jorge, no chão alguns materiais de pintura e na parede central a obra que ilustra a seguinte situação: uma senhora negra em pé na cozinha com um andador ao seu lado. Em conversa com Leoa na ocasião de uma aula na graduação na qual ela foi convidada por Ana Paula Ribeiro, professora da disciplina, a artista me explicou que se inspirou em sua avó e que a imagem que pintou é a que vê todos os dias quando chega em casa às 11 horas. A mesma cena que vi repetidas vezes durante a infância, minha avó na cozinha preparando refeições, o que me faz pensar novamente em quantas de nós atravessam percursos que se assemelham e se complementam. A maneira como Leoa entende sua avó como arte é parecida com a forma que eu entendo a minha como sabedoria e quando escolhe evidenciar essa perspectiva em seu trabalho, me inspira a fazer o mesmo. A poesia<sup>3</sup> que se segue brota desta inspiração:

Seis da manhã e meu olfato acorda o resto do meu  
corpo com o cheiro do café  
Antes de abrir os olhos, eu posso ouvir sua voz pedindo  
a Deus por cada um de nós em oração  
Um por um ela pronuncia os nomes de todos da  
família e eu espero quieta até ouvir o meu: saúde e  
sabedoria todos os dias é o que ela pede para mim  
Assim que ela termina, a cama que dividimos irmãos e  
primos vai se esvaziando  
(A casa com 3 cômodos sempre serviu de abrigo para  
todos)  
A procura uns de café outros de mate, a cozinha vai se  
enchendo de gente  
Tenho pra mim que a vida de uma casa fica na  
cozinha... A vida de uma família fica na avó  
A minha era baixinha, bem preta  
Veio de longe, como muitos, tentar a chamada “vida  
melhor”

---

3 Para fins de diferenciação e apelo estéticos, os três textos de gêneros distintos trazidos terão espaçamento diferenciado.

Seu destino: O lugar do descarte. Teve 11 filhos, duas faleceram bem novas, ficaram nove. Nove filhos e muitos, muitos netos  
Às vezes me pego pensando nela,  
não sei se com mais saudades dela ou da minha infância  
Minha vó não era mulher de muitos abraços, também não costumava dizer ‘eu te amo’, mas todas as vezes que eu subia muito alto gritava: ‘criança, desce do pé de Árvore!’  
Pé de Árvore era como chamava o pé de pitanga do quintal,  
Ah que árvore linda, quando florida eu ficava horas e horas a admirando,  
até que a vó me chamasse pro lanche – mate e biscoito,  
era isso ou café e eu detesto mais café do que mate  
Depois que ela foi embora o pé secou  
Minha vó não sabia ler, mas sabia cantar e como cantava!  
Todo dia, ao findar da tarde, cantava a mesma música  
Sinto falta de ouvi-la cantar, assim como sinto falta de uma voz que me chame de volta  
quando estou em caminhos perigosos  
Não ganhou nome de rua, tão pouco um monumento com seu nome,  
mas foi a vida de uma família muito muito grande  
Não tinha palavras doces, mas todo dia às 11 horas gritava:  
“Criança, o almoço tá na mesa!”  
E nós sabíamos que esse era o maior ato de amor que teríamos no dia.

Pensar em minha avó é acessar o ponto mais profundo da raiz de quem eu sou e de onde vem muito daquilo que eu sei. Ao passo em que envelheço entendo que é também nessa conexão, nesse emaranhado entre o que é dela e o que é meu, que encontro forças para lutar

pelo o que acredito, mesmo que essa luta por vezes amargue a boca. Contraditoriamente e felizmente, assim como Djamilia, “eu não me afundo em amargura, pois tive uma avó que me ensinou que chá de boldo também cura” (RIBEIRO, 2021, p. 198) e que conhecimento é algo que não necessariamente se constrói partindo de um pedaço de papel, mas que habita cada um de nós.

## MARCIA

*“Começar por sempre pensar no amor como uma  
ação, em vez de um sentimento”.*  
(HOOKS, 2021, p. 55)

A mulher que me deu a vida foi muito mais que minha mãe — teve que ser — atende pelo nome de Marcia Regina, tem estatura baixa e é negra de pele clara. Tive durante algum tempo em meu imaginário a imagem de uma pessoa extremamente forte, com um sorriso no rosto em todas as situações e que sempre chegava com soluções em momentos de crise. Hoje consigo mensurar o quanto custou manter tantos sorrisos e fazer surgirem soluções do vazio. É interessante observar como imagens podem ser distorcidas a ponto de levar a entendimentos que contrastam com a realidade. Se outrora via a força de Marcia como uma característica pessoal de sua personalidade, agora percebo como essa suposta “força” é consequência da sobrecarga e solidão impostas ao corpo da mulher negra, tal como descrito por Gonzalez: “a mulher-sentada-na-porta-do-barraco era a própria solidão” (GONZALEZ, 2020b, p. 178).

Quando fui tomada em seus braços pela primeira vez, ela havia sido mãe duas vezes antes da minha chegada e após o meu nascimento mais duas vezes. Teve o primeiro filho aos 16 anos, aos

14 já trabalhava. Eu não conheço minha mãe sem a maternidade e me pergunto se ela se conhece. Sinto que, de alguma forma, o modo como sua vida, a educação que recebera e o desenrolar de suas relações determinaram os fatores que cerceariam sua existência, ao passo que seus sonhos, gostos e possibilidades outras foram postas em último plano para dar espaço às demandas de trabalho (remuneradas e não remuneradas), como já denunciado por Gonzalez (2020c):

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. [...] Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da 'inferioridade' que lhes seriam peculiares. Tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar. (GONZALEZ, 2020c, p. 58)

Lembro-me que nas poucas vezes que tínhamos a mãe em casa eram dias à parte de outros. Saíamos da escola ansiosos para estar em casa, da rua já era possível ouvir o som alto tocando as músicas que gostava. Ao abrir a porta, a casa tinha um cheiro que só sentíamos quando ela estava lá. Depois do almoço, nos sentávamos na sala e fazíamos muitas perguntas, talvez pela urgência em saber quem era essa pessoa que víamos tão pouco e apesar disso, amávamos tanto. E então ela contava por horas e horas histórias sobre como havia sido sua infância, dizia sobre os mangues abundantes que existiam naquela região do Jardim Gramacho e que muitas vezes era deles, da caça de catanhanha e preá que tirava o sustento, quando avançava

um pouco no tempo fazia relatos sobre a rampa<sup>4</sup>, sobre como se achava coisa boa por lá. Contava também que não gostava de ir à escola, que escrevia muitas vezes em papel de pão, que não entendia nada do que a professora falava e que por vezes comparecia somente pela merenda, o que me lembra parte dos relatos de Maria, uma das mulheres escutadas por Lélia:

E, contando seus problemas de aprendizagem, ela não deixava de criticar o comportamento de professores (autoritariamente colonialistas) que, na verdade, só fazem reproduzir práticas que induzem nossas crianças a deixarem de lado uma escola onde os privilégios de raça, classe e sexo constituem o grande ideal a ser atingido, através do saber ‘por excelência’ emanando da cultura ‘por excelência’: a ocidental burguesa. (GONZALEZ, 2020d, p. 100)

A conversa atingia seu ápice quando a mãe chegava na parte de suas brincadeiras na rua, do tempo que passava lidando com a horta e com as plantas, das brigas que tinha com suas irmãs e irmãos. Essa era a parte que nós mais gostávamos, pois era muito engraçado imaginar minha mãe, uma mulher grande e séria brincando de amarelinha e queimado, plantando aipim ou brigando igual “gato e rato” com os irmãos.

Outras vezes a história não era nada engraçada, falava que apanhou muito: “Papai batia na gente com lasca de pneu”. Se queixava que existia favoritismo da parte de seus pais pela irmã branca e, contraditoriamente, em seguida agradecia pelas pancadas que recebera. Um dia contou a história da última vez que apanhou de sua

---

4 Rampa era a forma que os moradores e trabalhadores locais, que sobrevivem da coleta e venda de materiais recicláveis, chamavam o Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho, situado em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. Também conhecido como o maior aterro sanitário da América Latina.

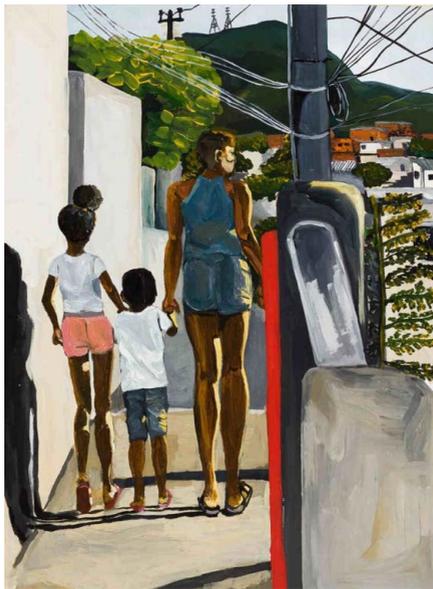
mãe justamente por causa dessa irmã: “Ela levantou a mão pra me dar um tapa na cara, daí eu segurei a mão dela e disse: ‘Nunca mais você vai encostar a mão em mim’. Desse dia em diante larguei a escola, coloquei meu pé no mundo e fui trabalhar em casa de família”. Essa decisão repentina se assemelha, em partes, com a da personagem Ponciá Vicêncio quando resolveu sair do povoado onde nasceu, “[...] no trabalho da roça, na terra dos brancos” (EVARISTO, 2017, p. 20), para a cidade, onde o trabalho encontrado também foi em uma “casa de família”.

Daí em diante inicia-se uma jornada a qual não sei ao certo por quanto devo multiplicar, tendo como referência o número de filhos? O número de casas nas quais prestou serviços? O número de vezes que ligava para saber como estávamos? O número de vezes que não teve os direitos trabalhistas respeitados? Quando penso nas histórias que minha mãe nos contava, reflito sobre quantas vezes sua subjetividade foi invisibilizada em prol do bem estar do outro, seja esse outro o seu primeiro seio familiar, o modelo de escola ao qual não se sentia pertencente, o marido, os filhos ou os empregadores, o que me leva a concluir que talvez seja por esse denominador que eu deva multiplicar sua jornada. Vale lembrar que “ser produtiva só é uma virtude moral, para não dizer um imperativo moral sob a perspectiva capitalista. Na perspectiva da classe trabalhadora, ser produtiva significa apenas ser explorada” (SILVIA, 2021, p. 31).

Ainda assim, ousou dizer que, em meio ao trajeto percorrido entre o trabalho e nossa casa, Marcia estabeleceu pausas de resistência ou estratégias para não enlouquecer, dadas no tempo dedicado a regar e conversar com suas flores e plantas, nas noites em bares, nos banhos de chuva no quintal, nos forrós de Silvano Sales, no riso frouxo em

conversa com as amigas, nas orações que fazia por dias melhores. Nesses momentos eu posso ver a Marcia que existe em minha mãe e como uma se mistura, se interliga e se relaciona com a outra que também é própria de si. Com Marcia aprendo cotidianamente que “quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança” (HOOKS, 2021, p. 55).

Figura 2 – Obra intitulada *Quero seguir seus passos*, de Leoa



Fonte: Divulgação pela feira ArtRio<sup>5</sup>.

A segunda obra de Leoa que importa trazer é intitulada *Quero seguir seus passos* e retrata três pessoas negras de costas, andando em uma rua no alto de uma comunidade: uma mulher de cabelo curto vestindo camiseta, short e chinelo, uma menina de cabelo crespo preso em coque, camisa branca e short rosa e um menino mais novo de camisa branca e bermuda de mãos dadas com as duas.

5 Disponível em: <https://artrio.com/agenda-cultural/mar-luz-no-caminho-de-leoa>.

Quando a vi, imediatamente vislumbrei a imagem de minha mãe, minhas irmãs e irmãos e eu andando pelas ruas em carreirinha, a mãe à frente nos guiando pelo caminho. Pensei também nessas estradas que percorremos quase como num movimento cíclico e em como sutis atos de resistência foram minando essas configurações até começar um processo de ruptura. Em minhas andanças pela academia consigo sentir os passos dados por minha mãe Marcia que, de alguma forma, me trouxeram até o momento presente. Quero registrá-los aqui e escolho fazer isso em forma de carta, para o grande Amor da minha vida, do jeito que fazia anos atrás.

Oi mãe,

Como andam as coisas aí em casa? Conseguiu fazer a roseira vingar? As galinhas ainda invadem a varanda? Mudou o cabelo para aquela cor que queria? Por aqui tá tudo indo, sabe estou escrevendo um texto novo e decidi contar um pouco sobre nós, espero que não se incomode. Sei que, assim como eu, você nunca gostou muito de exposição, mas tenho aprendido que às vezes nos permitirmos expandir é bom.

Na escrita, contei um pouco de como tem sido nossa vida, um pouco da nossa gente, do que a gente sabe. Nele – tal como é a nossa trajetória – nem tudo são flores, aparecem as pedras que fizemos de ponte para atravessar certos percalços, mas também aparecem os momentos que, ignorando as pedras, nos jogamos despidas em mares, dançando com as ondas que tentavam nos afogar. Esses dias, durante a escrita, andei recordando de muitas lembranças, algumas são como feixes de luz na minha cabeça, outras consigo enxergar nítidas como uma fotografia. Tentei descrevê-las e quero partilhá-las com você. Em alguns momentos pode ser que fiquem cronologicamente confusas, pois o tempo passa voando, mas acho que você entenderá:

Ainda nem ouvi o galo cantar lá fora, e já posso sentir seu beijo em minha testa enquanto ouço sua voz baixinho dizendo “tô indo, tranca a porta e fica com Deus” e sei que agora só sentirei seu toque novamente no dia seguinte, quando com a mesma voz baixa me dirá as mesmas palavras antes de sair para o trabalho.

Volta e meia de lá pra cá, será que é possível contar quantos passos você dá de casa pro trabalho e do trabalho pra casa? Acho que não, assim como não consigo contar quantas vezes mudou de cabelo e quantas vezes deixou de mudar porque precisava cuidar. Aliás, cuidado em você não podia faltar, cuidava da casa, da gente, da casa dos outros, só não cuidava de si, só não cuidavam de ti.

A Lua já está alta no céu quando ouço o roncar da porta ao abrir, o andar meio arrastado de alguém que chega cansado caminhando pela casa e o roçar das sacolas umas nas outras, o que será que você trouxe hoje? Queria ver, queria te ver, mas o sono pesado de criança pequena me vence mais uma vez, quem sabe amanhã.

Já é de manhã e mais uma vez, ouço sua voz dizendo baixinho “Tô indo, tranca a porta e fica com Deus” um beijo na testa, a porta fecha, o galo canta.

A hora vai passando e consegui abrir a sacola que trouxe outro dia, tem a mistura pro almoço, legumes e o biscoito de canudinho que dia desses disse a você que gostava. É incrível como algo assim pode me fazer sentir tão amada, eu sei que seu amor não é posto em palavra, mas em ato, talvez por isso eu ame a palavra, mas entenda o amor como ação.

Já é de noitinha, hoje você chegou mais cedo, alguém ligou dizendo que não estou passando bem [...] dessa vez quem abre a porta sou eu, é um pouco frio a essa hora da manhã e por isso estou

vestindo calças, casaco, meias, luvas e touca. Descemos o morro caminhando, ninguém na rua além do sereno, gosto de soprar o ar pra ver a fumacinha que sai de minha boca. Alguns ônibus e horas depois você me diz que chegamos. Que lugar diferente, tão bonito e espaçoso, eu ingenuamente pergunto enquanto você lava o banheiro: “Mãe, por que não moramos aqui?” Você sorri um sorriso desgastado e em seguida me diz: “Porque vou sentir falta das minhas plantas, mas quem sabe um dia”.

Já é outro dia e a noite passou como um apagão. Cheguei da escola às 21h, você ainda não tinha chegado, já ouvi o galo, mas até agora nada de porta, nem beijo [...] Ah é, hoje é domingo! Levanto ainda meio sonolenta buscando algum sinal de sua presença e te encontro no quintal, é claro. Vai regando uma por uma, investiga daqui e dali, ao que me parece está tudo bem, até que carinhosamente começa sua conversa semanal com as folhas, em seguida o almoço e histórias contadas no sofá da sala.

Já é de manhã, levanto atrasada para a faculdade como sempre, te dou um beijo na testa e digo “Tranca a porta e fica com Deus”. Ao virar a esquina ouço um som que reconheceria em qualquer lugar: o galo canta mais uma vez.

Essas memórias me fizeram pensar de que maneiras o seu amor por nós foi se articulando em ações, em atitudes e escolhas e para mim a principal é a de resistir em meio ao caos, apesar de todos os momentos em que estivemos distantes fisicamente uma da outra, eu nunca te senti ausente, nunca me senti abandonada por você, sempre senti o seu cuidado, sempre pude enxergar a sua mão segurando a minha, me dando coragem para enfrentar a vida. Sei que há muito de você em mim e talvez seja isso que hoje me faça escolher resistir em meio ao

caos e me fazer presente, não te abandonar, cuidar de você e segurar sua mão para enfrentarmos a vida. Sabe mãe, acho que de todas as coisas que você me ensinou, a mais bonita e necessária é amar fazendo. Obrigada por tudo e sobretudo por ter escolhido ficar.

Com todo o meu amor,

Gabi

## BEATRIZ

*“Você não precisa que ninguém te ensine a voar  
está no seu espírito  
mas é bom ter quem nos lembre  
de que temos asas”.*  
(LEÃO, 2017, p. 115)

Minha irmã mais velha, em nossa infância, tinha o costume de me sentar entre suas pernas e pentear meus cabelos. A depender de como estava seu humor no dia, seu toque alternava entre toda a delicadeza que suas mãos poderiam ter e a brutalidade que as mãos de uma criança são capazes de atingir. Lembro-me que nesses momentos ou dormia rapidamente ou iniciava uma sessão de reclamações que duravam todo o processo, mas ao final eu tinha penteados de princesa, diferentes dos que meu irmão mais velho, Michael, fazia com boa vontade, mas sem muito jeito, ou do trançar de minha tia Clara que não eram menos especiais, mas os penteados de Bia, que como chamávamos minha irmã Beatriz, tinham o poder de me fazer sentir tão bonita, sempre acompanhados de cachinhos modelados e de algo colorido. Às vezes penso que nessa fase eu era para ela como uma boneca, talvez pela pouca diferença de idade entre nós, três anos, entre os seis e nove anos Bia já brincava de ser um pouco minha mãe.

Beatriz tem estatura baixa, cabelos alisados, um sinal na perna e a pele preta retinta. Sempre foi bastante vaidosa e quando nova trançava parte de seus cabelos e a outra deixava solta, então se podia ver os cachinhos bem pretinhos, misturados aos tererês coloridos que prendia nas tranças. Quando chegou à adolescência as tranças, os cachinhos e tererê desapareceram para dar espaço a fios lisos e lineares. Sem entender a razão, por vezes perguntei o motivo disso, nunca ouvi uma resposta. Às vezes penso que talvez se houvesse alguém para lhe fazer penteados e dizer o quanto eram lindos, seus cachinhos e miçangas ainda estariam saltitando de sua cabeça.

O fato é que lá em casa o sistema era assim: minha mãe sempre trabalhou, então os mais velhos cuidavam dos mais novos. Com o passar dos anos essa realidade foi perdendo a graça. Nós somos cinco irmãos, cuidaram de mim, assim como eu cuidei dos que vieram depois de mim. Uma das lembranças mais fortes que tenho com minha irmã se dá pela seguinte cena: Nós estamos em uma praça de bairro, juntamente com suas amigas e mais dois irmãos mais novos, o caçula com três anos. Bia chora muito, de nós cinco sempre foi a mais chorona. Entendi o motivo alguns anos depois, minha mãe a havia obrigado a levar os irmãos no encontro com as amigas.

Não me entenda mal, nós todas(os) fazíamos o que podíamos dentro das circunstâncias que nos eram impostas, porém faz-se necessário desnaturalizar esse cenário. A maneira como fomos em certa medida responsáveis uns pelos outros foi também privativa em grau alto, no sentido de que a negação do direito à infância e adolescência plena nos fez amadurecer depressa. Nem sei se essa é a palavra que deveria usar, visto que amadurecimento imprime a ideia de um processo natural e o que tivemos não corresponde a

isso, mas a omissão de nossas necessidades e emoções em prol de dar conta dos aspectos que se faziam mais urgentes, esses que por vezes correspondiam a conjunturas da vida adulta, de modo que não conseguia entender se deveria encarar Bia como uma figura de autoridade ou como uma parceira. Assim, nós brincávamos, brigávamos e corrigíamos uns aos outros ao mesmo tempo.

Com o passar dos anos aprendi a ser amiga de Bia, a ser também apoio no cuidado de suas filhas, companhia para as noites de pagode e festa, aprendi a fazer suas unhas, como ela durante muito tempo fez os meus cabelos, aprendi a incluir seu nome em minhas orações, mas principalmente aprendi a ser escuta, a ouvir suas alegrias e angústias em longas conversas em tardes de domingo e por isso hoje posso dizer que finalmente somos somente irmãs e tudo que isso representa. Assim, como irmã, lhe escrevi alguns versos para lembrá-la: Você pode voar!

Raiz

Preta, o que será que há na raiz de seus cabelos?

Os calos de seus pés, o seu correr descalço

o amor de suas filhas, as dores de seus partos

as lágrimas que brotando de seus olhos

insistem em jorrar seu rosto abaixo?

Preta, o que é que tem no fundo de seus olhos?

Os medos de menina,

As mágoas de mulher,

O riso de criança?

O que será que tem no seu sorriso?

Brincadeiras de pique no quintal

beijos em segredo

rimas cantadas em roda

Preta, o que é que tem nos teus cantares?

A força potente presente nos cantos do teu corpo

O som da construção em irmandade

Compasso criado no enrolar de seus cabelos

O que será que há na raiz de seus cabelos?

Há a verdade e a beleza do que você é

Há persistência em crescer resistente em meio ao veneno

Há tentativa constante de liberdade, de pertencer-se,

de levantar voo e brotar pra cima

Ah preta, em dois dedos de raiz há isso mesmo *raiz*

Raiz de nós disposta a crescer, florescer

E te trazer de volta.

## GABRIELA

*“Creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência.”*  
(EVARISTO, 2020, p. 31)

Chegamos a mim e estranhamente eu não sei o que escrever, então tentarei começar pelo que vejo refletido no espelho: eu sou uma mulher preta, tenho um metro e sessenta e cinco, aproximadamente cinquenta e cinco quilos, cabelos crespos na altura dos ombros e sorriso largo. Existem algumas marcas em meu corpo, umas são registros das sapecagens de criança, algumas são resultado do início da adolescência, do esticar e retornar de minha pele, outras trago no peito como memória de experiências vividas. Não gosto de café, nem de meias palavras, gosto de mar. O gosto da água salgada é para mim como o gosto da vida

explodindo em minha boca. Tenho a mania de me imaginar como água fluída que se apresenta em vários estados, várias versões de si mesma, e talvez eu seja assim, ora quente, ora fria, às vezes dura, outras derretida e maleável, afinal “você é oceano e furacão te desvendar é pra quem não teme mulheres infinitas” (LEÃO, 2017, p. 20). Algumas vezes eu-mar se faz tempestuoso e barulhento, outras sereno, calmo, agradável, mas não se engane, em cada versão há profundidade, por isso ao adentrar esteja consciente: mar calmo também afoga.

Ainda ontem estive andando pelo bairro em que nasci, parte de minha família materna segue morando lá. Toda vez que retorno, observo as mudanças em relação ao tempo da minha infância, as fábricas e galpões continuam avançando e deixando seu rastro no ar que cada vez se torna mais difícil de respirar. Antigamente aos domingos nos reunimos em um campinho ao lado de nosso quintal, todo ele era feito de barro vermelho e tinha também algumas espécies de aberturas em suas laterais que gostávamos de chamar de cavernas. Brincávamos de tudo ali, quanta vida e alegria aquele espaço testemunhou. Agora está resumido a um enorme muro cinza. Observei também o avanço das barricadas, localizadas só alguns metros à frente de nossa entrada. Ontem conheci alguns primos de segundo grau que ainda não tinha visto, algumas novas casinhas de madeira e o matagal que tomou conta do terreno atrás do nosso, no mais muitos abraços, reclamações de saudades e orações. É extraordinário mensurar como a minha família e esse lugar me ajudam a me situar interna e externamente, a entender de onde vim e o que trago comigo, onde estou e o que quero levar daqui pra frente. Na visita, passei pela primeira escola em que estudei - foram muitas - um centro integrado de educação pública (CIEP).

Ao passar pelo CIEP pensei em quantas salas de aula já estive, em diferentes lugares e ocupando diferentes posições, estudante, professora, mediadora, pesquisadora. E como, em todas elas, posso perceber certa obstinação em teimar, mesmo que de maneira tênue, em movimentos singelos e gentis, mas com certo tom de rebeldia, uma vontade de incomodar as estruturas pré-estabelecidas. Apesar de, em muitos momentos, tentar domesticar essa vontade, ela sempre encontrará brechas aqui e ali para seguir, guiada por vozes que sussurram constantemente ao pé de meu ouvido a necessidade de que algo aconteça de maneira diferente. Seguindo os sussurros, em passos lentos iniciados na entrada no magistério, curiosamente também localizado em um CIEP, e adiante até a universidade pública encontro na educação uma maneira de fazer ecoar as vozes que me guiam, ansiando por transformação.

*“A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade”.*  
(EVARISTO, 2017, p. 24)

Sou filha de Conceição e por isso não aceito mais certos abusos, certos desmandos, não meço força com o que vem de dentro de mim, não encurvo a coluna ou abaixo a cabeça para ficar do tamanho que esperam que eu seja. Talvez eu seja filha de Conceição e por

isso minha escrita vomite toda a mágoa e violência que tivemos que engolir goela abaixo por gerações e gerações, vomite o sangue, dor e a revolta do meu povo, vomite um líquido quente que arde de dentro pra fora queimando as mentiras que contaram pra nós e contendo a certeza de que nada será como antes. E é também por essa razão que em minha prática docente, discente e em minha vida, a primeira voz que eu escolho ouvir é a que vem de dentro do meu peito portando a sabedoria de minhas ancestrais. Por isso por onde ando existem mãos sujas de terra, de tinta, existem corpos em movimento, existe a bagunça de muitas vozes falando e sendo ouvidas, existe a escolha de ser resistência e construir saber fazendo. Eu aprendi a escrever meu nome de muitas formas, a fazer de múltipla a minha prática e, sobretudo, entendi que:

Não há nada mais potente do que uma

Mulher preta que tem consciência de seu tamanho.

## Eco

*“É preciso eternizar as palavras da liberdade  
ainda e agora”.*

(*EVARISTO, 2017, p. 92*)

Como a intenção não é que a discussão se encerre aqui, mas que se eternize, que se utilizando das correntes do vento voe percorrendo outros territórios, que fique, então, registrado e que ecoe que com Celi aprendo a escutar minha intuição e a acessar a sabedoria que reside em mim. Com Marcia aprendo a resistir em ações de amor e a seguir caminhando pelas estradas da existência. Com Beatriz aprendo a ser irmã e amiga, aprendo o sentido de comunidade. Comigo tenho aprendido a transbordar no lugar de conter, a ficar do meu tamanho.

E com as mulheres que me fazem companhia em minhas leituras aprendo a buscar um lugar no mundo, aprendo a ser rede para quem comigo segue, aprendo que somos arte em nossa subjetividade, que somos potentes, que estamos sempre em construção e que “não há quem ponha um ponto final na história” (EVARISTO, 2008, p. 51).

Aprendo a ir ao encontro de um lugar onde posso fabular, um lugar onde eu encontro instrumentos e redes para defender o que acredito, minha forma de existir no mundo, a professora que quero ser, onde escolho lutar pelos direitos das minhas, do meu povo, lugar onde me aproprio de nossos saberes e quando o faço, estes se transmutam em produção de conhecimento científico. É na escrita que encontro este lugar, como bem colocado por Conceição:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere ‘as normas cultas’ da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO, 2007, p. 21)

Como um dos temas centrais do presente artigo foi a escrita, pedimos licença para abrir um parênteses e compartilhar parte do processo de sua construção. Participar em coautoria de um artigo em primeira pessoa do singular não foi tarefa simples. Encantadas por um trabalho entregue em uma disciplina, incentivamos a autora-graduanda a continuar escrevendo. A chamada para este dossiê veio

ao encontro de nossos anseios, mas como compor coletivamente um texto quando sua escrita se dá de forma tão particular? Tivemos que entrar devagarinho, inicialmente sugerindo leituras, oferecendo pistas para aprofundamentos, revisando [...]. Aos poucos, à medida que sua voz ia engrandecendo e encontrando os rumos que desejava, pudemos acrescentar algumas linhas aqui e ali, mantendo o cuidado de não alterarmos o tom do texto, pois sua beleza estava, justamente, no timbre dessa menina-mulher que, ao se buscar, se encontra em nosso quintal, em companhia de autoras apresentadas, e floresce. Que a partilha de sua escrevivência produza sementes para que outras YYYs pelo Brasil afora também percebam a potência de suas vozes.

### REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

ANGELOU, Maya. *Carta a minha filha*. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

ANZALDÚA, Glória. Falando em Línguas: Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, n. 1, v. 8, p. 229-236, 2000.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

ESTEBAN, Maria Teresa. Mais uma vez e sempre: conversas com professoras. In: *Momento*. Rio Grande, n. 1, v. 25, p. 51-74, jan./jun., 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/6109/3926>. Acesso em: 7 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.

EVARISTO, Conceição. Entrevista com Conceição Evaristo no Trilha de Letras, programa do canal TV Brasil, no Youtube, 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xplu30xQvzg&ab\\_channel=TVBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=xplu30xQvzg&ab_channel=TVBrasil). Acesso em: 19 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (Orgs.). *Escrivência – a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 30-32, 2020.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 127-138, 2020a.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra: Um retrato. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 173-178, 2020b.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 49-64, 2020c.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 94-111, 2020d.

HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução de Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre educação e filosofia*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEÃO, Ryane. *Tudo nela brilha e queima*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LEÃO, Ryane. *Jamais peço desculpas por me derramar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

NICOLAIEWSKY, Clarissa de Arruda. *Tornar-se Mariana: A construção da comunidade em uma escola que garanta lugar para cada um*. 2020. 197f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <https://ppge.fe.ufrj.br/teses2020/tClarissa%20de%20Arruda%20NICOLAIEWSKY.pdf>. Acesso em: 27 mai 2024.

RIBEIRO, Djamilia. *Cartas para minha avó*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

TEIXEIRA, Ana Sarah; FERREIRA, Geisa. Sonhar com a Sorbonne? Você veio do Vale do Ipê! A cor da baixada fluminense. In: *Periferia*. Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-24, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/73329/47245>. Acesso em: 2 abr. 2024.

XAVIER, Giovana. Grupo Intelectuais negras UFRJ: A invenção de uma comunidade científica e seus desafios. In: *Trabalho necessário*. Niterói, n. 38, v. 19, jan./abr., p. 224-239, 2021. Disponível em <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/43121/28414>. Acesso em: 19 abr. 2024.